

Conferência Internacional
“Na periferia da Grande Guerra”

Departamento de Línguas e Culturas
Universidade de Aveiro, Portugal.

1 e 2 de outubro de 2015

No rescaldo das comemorações do centenário da eclosão da Primeira Grande Guerra, pareceu-nos oportuno visitar alguns dos lugares-comuns historiográficos relativos à expressão e efeitos deste cataclismo originado pela ação humana. Um deles diz respeito à circunstância de esta ter sido, por exemplo em comparação com o segundo conflito à escala internacional ocorrido no século XX (1939-45), uma guerra realmente mundial. Muita da atenção académica tem sido compreensivelmente dirigida para os cenários de guerra na Europa, nas frentes ocidental e oriental, e para a carnificina sem paralelo de que foram palco. Com efeito, no imaginário popular, ficaram indelevelmente inscritas as imagens vívidas das trincheiras, do confronto brutal entre a vulnerabilidade do corpo e a fúria destrutiva da nova maquinaria bélica, bem como a escala magnificada deste combate. Compreende-se, pois, que o choque e o trauma se encontrem amplamente documentados numa diversidade de discursos políticos, sociais e culturais e tenham constituído objeto de reflexão em várias conferências académicas organizadas a propósito destes temas.

Com esta conferência, pretendemos, contudo, simultaneamente fixar e desviar o olhar dessas imagens dolorosamente familiares, deslocando-o para as periferias do conflito. Privilegiar-se-ão, pois, os teatros marginais da guerra, os lugares onde o conflito certamente não deixou de ter ressonância, ainda que esta tenha sido colateral: indivíduos apanhados no limbo da guerra, a guerra como pano de fundo para histórias pessoais ou vislumbrada a partir de pontos de observação inesperados. Estes lugares poderão ser aqueles em que a guerra assumiu contornos de irrealidade, longe do centro das hostilidades, mas onde estas, não obstante, se fizeram sentir.

Propomo-nos, deste modo, visitar a Grande Guerra e os seus efeitos, com incidência nas suas representações históricas, culturais, artísticas e literárias, em função dos seguintes vetores de reflexão:

1. Teatros Periféricos da Guerra

Os cenários menores – ou aparentemente menores – da guerra incluíram as campanhas navais na costa sul-americana, as campanhas celebrizadas por Lawrence da Arábia no Médio Oriente (a disputa pelo petróleo), ou a África Oriental, onde se assegurava ser tão intenso o calor que nenhuma guerra poderia aí ter lugar, já que “todos derreteríamos como gelado ao sol”. Uma vez que a guerra foi parcialmente motivada pela disputa pelas riquezas coloniais, as possessões adstritas às nações europeias beligerantes parecem representar um espaço fecundo de investigação, à semelhança dos territórios que, como Portugal, começaram por adotar uma posição de neutralidade, tendo sido posteriormente arrastados para o conflito.

2. Transformações da Grande Guerra - a emergência do moderno

Pretende averiguar-se o impacto da Primeira Guerra Mundial na construção da modernidade. Muito do que hoje entendemos constituir o mundo moderno teve a sua origem em 1914-18, tanto em termos de condições materiais, como de mentalidades e de capacidade de resposta às circunstâncias. Não faltam exemplos de cada uma destas ordens de transformação. A rádio, que antes do início da guerra constituía um método eficaz de comunicação marítima entre navios, converte-se no primeiro meio de comunicação de massas, sete anos antes do fim do conflito. Análogo incremento se registou na indústria aeronáutica. As necessidades da guerra catalisaram a mudança, contrariaram a inércia e a resistência, fizeram as coisas acontecer. Também as mentalidades sofreram profundas transformações. O estabelecimento, na Rússia, de um estado socialista ocorreu com rapidez surpreendente. As condições, tanto materiais como ideológicas, propiciaram a emergência da denominada Idade do Homem Comum. A resposta sobre quem era esse indivíduo comum e qual seria o seu comportamento viria, em grande parte, a ser dada no decurso dos anos do pós-guerra. Em terceiro lugar, assiste-se, no termo da guerra, a um regresso dramático da doença, inimiga ancestral da humanidade, agora sob a forma da epidemia de gripe (espanhola) de 1918-1919. Nos bastidores destes eventos, contudo, inúmeros cientistas insistiam em compreender e controlar a natureza, podendo retrospectivamente afirmar-se que alcançaram sobre ela um domínio até então inédito. São quantiosos os exemplos de técnicas e procedimentos inovadores, desenvolvidos no período que medeia entre 1918 e 1930. As conquistas verificadas no campo da cirurgia plástica, por exemplo, foram consequência direta da abundância de ferimentos de guerra.

3. Vidas deslocadas

No período de 1914-18, foram milhares as famílias separadas, divididas ou adiadas por relações colocadas entre parêntesis. Foram também inúmeras as pessoas deslocadas, com vidas desorganizadas pela guerra, surpreendidas por ela em trânsito, não combatentes em território neutro ou hostil, instados a tomar partido ou impedidos de regressar a casa. Após o fim do conflito, estes exilados reencontraram-se com nações, casas e entes queridos tragicamente transformados. Que relatos da sua experiência deixaram estes indivíduos - famosos ou obscuros - em deslocamento? Em que medida o desenraizamento coercivo, a separação e o exílio reconfiguraram o sentido de pertença e identidade expresso na criação artística desse período?

4. Micronarrativas dos anos de guerra

As memórias, os diários e as cartas constituíram documentos humanos de importância crucial, por permitirem registar o impacto da guerra numa época que não assistira ainda ao advento das novas tecnologias da comunicação. Esta área temática da conferência visa incidir sobre o estudo dos registos intimistas da experiência de guerra, produzidos a partir de casa ou dos teatros de combate, e esclarecer o modo como estes escritos instabilizam a noção de cânone literário. Com efeito, por vezes recusando expressamente um estatuto literário e inscrevendo-se num espaço extracanonico, estes autorretratos do sujeito dilacerado não deixam, por vezes, de articular-se produtivamente com os textos já legitimados pela instituição literária, como a poesia da Grande Guerra. Particular pertinência reveste ainda o estudo da reportagem de guerra, visto que, em virtude do exercício da sua profissão, os seus autores tinham acesso privilegiado às zonas de combate, conseguindo, portanto, construir relatos mais íntimos e pormenorizados dos acontecimentos. Certo é que as formas e a escala inéditas deste conflito internacional não deixaram de instigar novas modalidades (para)literárias de indagação do real, mesmo sob ameaça permanente de novas estratégias de propaganda e censura.